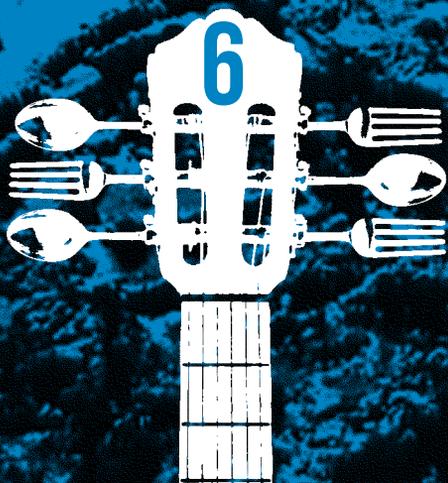


mesa posta

BAIRRO DE S. PEDRO





Viver a Cidade

Virgínia Fróis

Fazer nossa a Cidade

Viver será deslizar no tempo, nas referências que as paisagens produzem em nós, ficções, imaginações. No acto de percorrer os lugares estabelecem-se conexões entre o real e as nossas memórias. *Sentir* o irregular das pedras que os nossos pés tateiam com cuidado. Sobrepostas as pedras e os passos, o tempo e as vidas já vividas. *Parar* muitas vezes e olhar, um espelho que nos devolve a densidade de existir, o aqui agora.

Ver.

Como é que a cidade move o nosso pensamento e propõe um trânsito do visível para o invisível? O filósofo José Gil, falava a propósito do *Livro do desassossego* de Bernardo Soares (um outro) de uma névoa sobre as paisagens que nos permitem ver para além do real, como a nossa imagem num espelho nos permite aceder ao duplo que existe em nós. Uma emoção breve, um pulo para o virtual. Por um momento breve o passado e o futuro agora. Emoções... um ver para além de. Por um momento uma visão interior. Pensamos com visões? *

(*) A partir da frase final O artista pensa com visões, proferida por José Gil
Colóquio "O dia Triunfal de Fernando Pessoa" FCG, 03/2014



Almansor (canção)

Zé Leitão

Almansor Rio
de Montemor,
que te fizemos nós?
Já não fazes andar
os moinhos
nem as suas pesadas
mós!

És a razão de ser,
desta terra aparecer
junto a este vale encantado.
Tanta força que tens,
tanta vida que dás,
é uma pena seres tão mal amado!

Almansor Rio de Montemor,
quantos banhos já deste?
Quantas hortas já regaste?
Quantos pães já tu fizeste?

No tempo de D. Manuel
havia praia fluvial,
que agora já não há,
porque o rio cheira mal!

Aos meus filhos desculpem
o rio estar assim,
faço mea culpa
sem ter culpa em mim!

Almansor Rio de Montemor,
que te fizemos nós?
Já não fazes andar os moinhos,
como no tempo dos meus avós!



O Bairro de S. Pedro e nós

Habitar pressupõe uma presença, um tempo longo, um vagar.

Virgínia Fróis

1 *Uma eira verde e um silvado.*

O primeiro contacto faz-se com os pés. Os olhos observam a eira verde e o barracão ao fundo fechado com arames, está cheio de tijolo e fardos de palha. A encosta do castelo ligeiramente côncava da extracção de terra. Um alpendre com uma carroça e uma casota de tijolo onde guardavam as alfaias do ofício, enxadas gastas, rodos e um carro-de-mão de madeira. As madeiras corroídas pelo bicho e pelo abandono.

Tenta-se o entendimento das nossas possíveis relações com este lugar.

Quanto tempo desde a feitura do primeiro tijolo?

2 *Uma eira seca com tijolos frescos ao sol, e uma Califórnia.*

Pés no barro, mãos na pasta. O Bernardino coloca outra vez um punhado de barro numa antiga forma, a quantidade certa, acomodar o barro, lavar, levantar a forma e continuar. Um gesto até agora sempre repetido pela Mafalda, já com as novas formas na cadência do ofício transmitido.

Cozer o cru, alimentar com a lenha até ao rubro a terra, o transmutar da matéria.

Quantas casas se construíram a partir da terra deste sítio?

3 Uma casa-projeto que cresce como os montes.

Cresce, esta arquitectura rudimentar, em todos os sentidos gerando um interior.

Um alpendre, uma parede em grelha a fechar e depois as portas: um novo espaço.

Arcos e blocos e engenhos arquitecturais novas.

Entre os tempos e o tentar, habitamos o lugar, nós.

As outras, as coisas côncavas e convexas, da arte: Respirar, inspirar, criar.

Cozer, soprar das cinzas e nascer.

Muitos passos, muitas mãos, muito barro. Gente vem e vai e na volta, fica.

Que afectos nos atraem?

4 Uma ermida sem santo, um terreiro sem festa.

Abrimos a porta da igreja e entrou o sol da tarde. Estendemos os braços para longe, ligámos fios entre os espaldares das cadeiras, colaram-se as bandeirolas de papel de seda de muitas cores, cortadas em bico por entre os risos e as histórias das vizinhas, ergueram-se as fiadas ao vento.

Fizemos uma fogueira, comemos petiscos e dançou-se, celebrando o

encontro e o São Pedro. Estávamos no início do verão.

Do que é que nos aproximamos?

5 Um lavadouro público desabitado, seco.

Dele fizemos a oficina de cerâmica, para que outros possam acontecer.

Carregamos os óxidos e as alfaias da escultura, as mesas de xisto outrora quadros de escola por onde muitas letras se desenharam e agora os rolos de barro rolam.

Na oficina, umas esferas se moldaram como se ali estivesse um criador de planetas, e esse por aqui fica. Outras construções, outras deambulações, um vai e vem com as ideias.

Uma outra vez as mulheres do bairro voltaram para inscrever o gesto novo, neste lugar por onde a sua roupa passou. Com os jovens modelaram e recortaram bandeirolas agora de cerâmica pela subversão de uma outra que volta e parte.

Uma nova festa no início do verão de 2015 o acordeom, o fado na voz do Cosme e o tilintar das bandeirolas-pássaro ou serra ou corneta .

Quantas peças o vento deixou no mastro para ocorrer a troca?

No silêncio da minha casa permanece uma bandeirola-concertina da cor do céu.





MAJA ECHER - MASTRO

Virgínia Fróis

Das pequenas coisas ...

Dar voz , tornar visível, será porventura o que o acto da Arte faz quando apela à participação de outros no seu processo, criando uma oportunidade a estes de existirem na obra, dando às ideias iniciais uma nova vitalidade, subvertendo e tornando leve a criação porque partilhada.

No convite aos artistas para residência na Oficina de Cerâmica*, está sempre a ideia de uma contrapartida para a Cidade. Uma dádiva recíproca que permite a diferença da realização da obra aqui neste lugar. Implica o

mergulho mais ou menos profundo, do artista, um tempo para encontrar os fios que o ligam e lhe permitam uma nova obra, arriscar.

O trabalho da Maja foi disso um excelente exemplo porque na sua génese estava a Festa , e o Mastro. Continha a necessidade da relação e da partilha. Aconteceu da escuta e desvaneceu-se no tempo. Como numa performance fica o documento e a memória intransmissível do acontecido em cada um.

Dele ficam aqui as histórias e no silêncio de cada casa permanecerá provavelmente uma bandeirola-concertina da cor do céu... a coisa maior.

* Associação Oficinas do Convento



Zénite e Nadir

palavras de Maja Escher [ME] e Sara Vicente [SV].

Cheguei a Montemor pela estrada que vem do Escoural, como quem vem do sul. A primeira coisa que vi quando cheguei foi uma pequena casa branca, logo depois da ponte, ao passar o rio Almansor. Vi, num relance, os desenhos vermelhos e pretos nas paredes caiadas da casa. Fiquei com eles na cabeça.

Cheguei ao Telheiro, comecei a trabalhar. [ME]

Não é fácil saber de onde viemos.

Guardamos em nós imagens de espaços, de rostos, de dias e, no entanto, a falta de nitidez dessas imagens torna-se evidente com o tempo que passa por elas e por nós.

Estes fragmentos imperfeitos suportam o lugar que criamos como nosso.

Constroem uma casa. Dão-lhe raízes na terra e deixam-na crescer além das nuvens, sem limites definidos – como se não tivesse tecto, nem paredes, só chão.

O largo de S. Pedro podia ter a forma de um lugar esquecido pelo tempo e pelas pessoas. Esteve guardado na memória do senhor Joaquim, e, mais tarde, tornou-se no espaço do trabalho artístico da Maja, Zénite e Nadir. [SV] Zénite designa o ponto imaginário interceptado por um eixo vertical imaginário traçado a partir de um observador (localizado sobre a

superfície terrestre) e que se prolonga até à esfera celeste. O ponto (sobre a esfera celeste) traçado por um eixo vertical no sentido oposto tem o nome de Nadir.

O projecto Zénite e Nadir foi desenvolvido em colaboração com alguns moradores do bairro de S. Pedro, como residência artística, nas Oficinas da Cerâmica e da Terra durante o mês de maio de 2015.

O ponto de partida foram as festividades populares, mais especificamente os bailes de mastro e a imagem do mastro ou maibaum (árvore de maio) presente em práticas e celebrações ancestrais de povos em diferentes pontos do mundo. ^[ME] Durante aquele mês de maio, as imagens dos dois (e de outros que, com eles, habitaram este lugar) fizeram parte de todo o processo, sendo criadas e renovadas constantemente.

A estrutura do mastro surgiu, em destaque, no centro do largo. Cresceu como árvore, de ramos frondosos, e tornou-se num ponto de encontro para uma troca de saberes e tradições. Uma concretização do universo da Maja, em que a partilha é tão genuína, quanto parte integrante da sua natureza.

Foram muitas as mãos que moldaram as decorações do mastro. ^[SV]

Ensinaram-me a fazer as bandeiras de papel (siroulas) e cola que se faz com farinha branca de neve.

Passaram-se os dias, entre o Telheiro, a casa de Joaquim, as Oficinas do Convento e os Lavadouros, quase sempre na companhia do Ricardo e da Marisa e muitas vezes do Tiago. Foram muitos dias a fazer bandeiras e fitas em barro, passar o engobe e em alguns vidrado e levá-las para o telheiro para serem cozidas.

Joaquim falou dos pássaros, donos do céu, sobre um cartaxo que se disfarça de rouxinol e sobre a antiga estação meteorológica que fica junto ao terreiro/largo de S. Pedro. Também falamos sobre o santo, o S. Pedro, que manda no tempo, que faz sol ou chuva em troca de oferendas.

Foram estas conversas com Joaquim Cosme que me levaram às esculturas em cerâmica que desenvolvi em simultâneo às peças para o mastro. Surgiu também uma espécie de rosa-dos-ventos em grés que foi colocada no cimo do mastro central. ^[ME]

A ermida voltou ao azul das memórias do senhor Joaquim e os desenhos perdidos nas paredes conquistaram um lugar como prenda para a festa.



“Joaquim, Joana e Ricardo Cosme falaram-me das festas de S. Pedro, como eram antigamente, quem lá ia, onde exactamente se dispunham o palco, as barraquinhas, o bar, as rifas e a senhora que vendia rebuçados e chupa-chupas.”



O projecto culminou na construção de uma estrutura cerimonial que se encontra simbolicamente no centro do universo e funciona como expressão arquitectónica da ideia de árvore do mundo ou axis mundi – o mastro como árvore em torno da qual nos reunimos.

Este mastro liga-se às muitas outras estruturas festivas que ao passar dos anos foram construídas neste mesmo

lugar - Largo da ermida de S. Pedro da ribeira.

O barro é o elemento base deste projecto pois simboliza a terra (elemento/matéria) e esta relação que temos com ela. Também os mitos de emersão, segundo os quais os humanos foram gerados pela terra, emergiram da própria terra, explicam um profundo sentimento de parentesco

cósmico, de pertença à terra mais do que à espécie humana.

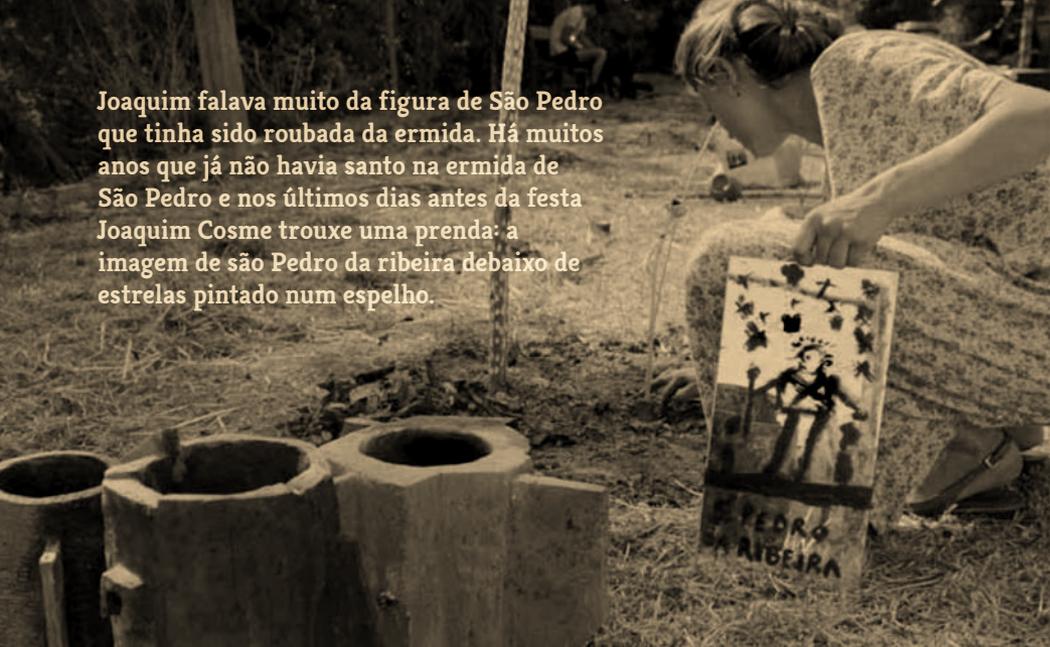
Cosme segurava no escadote enquanto o Ricardo e eu íamos às alturas pendurar as bandeiras no mastro.

Durante a montagem do mastro começamos a olhar todo o largo da ermida de outra maneira. De repente começou-nos a incomodar o cocó dos cães espalhado pelo terreiro e a cor preta das riscas da ermida. A Marisa

sugeriu que a caíssemos trocando o preto por uma cor mais alegre. Joaquim falou-nos que há muitos anos a ermida já teria tido riscas azuis e foi assim que decidimos pintá-la.

O processo de criação destes elementos de carácter festivo funcionou ele próprio como um ritual, como forma de experimentar e (re)descobrir diferentes técnicas e processos na cerâmica.

Joaquim falava muito da figura de São Pedro que tinha sido roubada da ermida. Há muitos anos que já não havia santo na ermida de São Pedro e nos últimos dias antes da festa Joaquim Cosme trouxe uma prenda: a imagem de São Pedro da ribeira debaixo de estrelas pintado num espelho.



Por sermos irmãos das árvores e das rochas, por todos termos nascido da mesma mãe-terra, as imagens do mastro e da árvore conduzem a um habitat terrestre e puro, conduzem a um 'lugar-terra', primitivo e ancestral. [MAJA ESCHER]

O largo de S. Pedro ganhou um mastro e fez-se casa (com raiz e sem limites).

Este ponto de ligação entre terra e firmamento acolheu-nos no dia da celebração. Mastro-árvore, mastro-casa. De mesa posta, música presente e família reunida. [SV] No dia da festa circunscrevi com terra vermelha o círculo que forma o mastro e as linhas que unem os postes laterais.

Apareceram as vizinhas com bolos para a festa. A Leonor e a Marisa também fizeram bolos. A Ana João trouxe umas bebidas, a Ariel fez uma salada de tomate, o meu amigo Gonçalinho trouxe pão e montámos uma bela mesinha.

A banda começou a tocar.

Joaquim Cosme acompanhou-os nalgumas músicas a cantar e com o seu reco-reco. [ME]

Não é fácil saber de onde viemos.

Não sei quanto de nós depende destas imagens, mais ou menos oníricas, mais ou menos nítidas (perdemos sempre tanto do que tentamos conservar).

Ainda assim, esta foi a imagem que eu guardei: o espaço, os rostos e o dia da festa em que todos pertencemos ao mesmo lugar. [SARA VICENTE]





EU Rio

João Alface



Pedi-me a professora Virgínia Fróis que integrasse um painel de comentaristas sobre assunto para o qual eu sinceramente não imaginava ter a mínima qualificação. Havia dois pontos a meu hipotético favor: ser escritor e ser natural de Montemor. Entendi colaborar, nessa dupla qualidade, porque sempre participarei nas iniciativas locais merecedoras de apoio, como é o caso, se a isso for chamado.

Nasci aqui, aqui vivi a infância e adolescência, mantive e mantenho alguma família e alguns amigos. Aqui passei portanto os chamados amores da formação e orgulho-me das raízes e de continuar a ter cá casa para cá vir quando quero e posso.

Ao tempo da minha meninice, décadas de 50, meados de 60, piscinas e computadores não havia (felizmente) e a juventude masculina, a rapaziada, assim que apanhava uma aberta apontava à "r'bera".

Não chamávamos rio a este Almansor que hoje nos ocupa. Uma vez era "r'bera", outras "r'bero" e este hermafroditismo fluvial teria possivelmente a ver com questões de caudal, mais amplo se feminino (a "r'bera"), mais esquelético, clandestino, sumido, quase renitente, na fase "r'bero".

Ou seja, um rio feminino no Inverno e masculino no Verão, o que não deixa de ser um excelente programa de festas para quem aspire à totalidade do Ser.

Nós, que não éramos esquisitos e aceitávamos aquilo que havia, tínhamos por pontos de eleição os "pegos" (com E aberto e não mudo, pégos e não pégos), sítios onde o rio alargava em devaneios de lago suíço e desses, além do Pego da Rata e do Burrazeiro, eram a Pintada e o Pego do Poço os favoritos. Cito do meu livro "Cuidado com os Rapazes":

“Nos dias quentes de Verão, quando o alcatrão derretia as ruas, o avô cumpria a sesta e eu escapava-me para o rio, enchendo a blusa de figos verdes, amoras e marmelos. O rei do rio era um guarda-florestal muito gordo que se orgulhava de ler o jornal enquanto boiava e proibia mergulhos nos arredores. Nós apanhávamos rãs nos charcos para lhes enfiar uma palha no cu e soprar. Quando se tira a palha elas zunem desinchando pelo ar e uma vez conseguimos acertar na barriga meio-submersa do guarda-florestal que nesse dia nem teve tempo de ler os cabeçalhos e jurou vingança.”

Esta era a Pintada, praia fluvial da minha juventude que, presumo, ainda lá esteja (uma e outra, já agora).

No Pego do Poço, açude vizinho à ponte romana de Alcácer, recordo-me de apanhar figos da Índia (com resultados naturalmente picantes) e pites das piteiras ou cactos carnudos que depois utilizávamos como cachaço taurino improvisado nas nossas imitações do cavaleiro Mestre Batista. E recordo, num gélido Dezembro, ter ido para lá apanhar musgo para o presépio e não resistir a um mergulho suicidariamente gelado, e tamanho choque (estou certo) contribuiu bastante para o meu agnosticismo.

Este rio Almansor, de bela sonoridade árabe e épica, nunca eu soube onde ele

nascia ou se chegava ao seu destino algures no Tejo e essa discreta condição maravilhava a minha imaginação juvenil.

No mapa escolar vinha um risquinho azul, mas tão fino que só podia ter sido desenhado por geógrafo sem nada na cabeça. Bastava vê-lo quando chovia dias a fio e ele transbordava arrastando borregos inchados, árvores partidas e sabe-se lá que mais. Não ficava atrás das enxurradas diluvianas que o Mississipi oferecia aos olhos de Huckleberry Finn e Tom Sawyer ou às cheias do Ganges que me entravam casa adentro pelas mãos audaciosas de Sandokan.

Nós íamos depois, nas brincadeiras infantis, construir represas com água que vinha da fabriqueta de mármore do Sertório, água leitosa que antecipava o destino funerário das lousas lisinhas, complexa rede de canais e barragens onde mergulhavam os nossos sonhos de putos do interior, e o gozo que havia naquilo só voltei a encontrá-lo, muitos anos depois, quando li um livro de Jim Harrison chamado “A Good Day to Die”, onde dois amigos jogam snooker num salão de bilhar e um diz para o outro: “Parece que inauguraram uma barragem nova ali acima no Missouri”. Silêncio, nova tacada, novo falhanço. E replica o outro: “Uma barragem nova?

Porreiro. E se fossemos lá rebentar com ela?”

A dinamite que havia nas nossas cabeças de criança dava-se mal com o bucolismo das histórias soporíferas que a catequese exportava para edificação e exemplo das alunas (um menino numa cestinha vogando o Nilo) ou com as quietudes que poetas mansos descobriram nas margens do Lis, do Mondego, do Sado ou Tejo.

Mergulhando nus ou em cuecas neste Almansor de bolso, olhávamos a água verde à espera das piranhas vorazes vindas directamente do Amazonas, e espreitávamos o horizonte aguardando uma multidão de intrépidos lenhadores equilibrados em dezenas de troncos desde o Arkansas até Montemor, sabendo perfeitamente que em algum ponto recatado do curso do “r’bero” estaria encalhado o cadáver de uma infeliz que Jack, o Estripador, havia despejado no brumoso Tamisa.

Não dizíamos nada a ninguém, ninguém tinha nada que saber, era um segredo só nosso e dos castores que operavam nas margens em arquitecturas fabulosas. Mas algum de nós há-de seguramente ter dado de caras com o barão Forrester, esse mesmo que se afogou a 12 de Maio de 1861 e cuja “morte desastrosa” - cito Camilo Castelo Branco em “O Vinho do Porto” - “é uma das mais notáveis vinganças

que o rio Douro tem exercido sobre os detractores dos seus vinhos”. O naufrágio onde o barão pifou e ao qual sobreviveu a celebrada Ferreirinha, Dona Antónia Ferreira, é das páginas camilianas memoráveis e não resisto a evocá-lo:

“O Douro tinha engrossado com a chuva de dois dias, e a rapidez da corrente era caudalosa. Aproximando ao ponto do Cachão, formidável sorvedouro em que a onda referve e redemoinha vertiginosamente, o barco fez um corcovo, estalou, abriu de golpe e mergulhou no declive da catadupa. O barão sofrera a pancada do mastro quando se lançava à corrente, nadando. Ainda fez algum esforço por apegar à margem; mas fatigado de bracejar no teso da corrente ou aturdido pelo golpe, estrebuchou alguns segundos de agonia e desapareceu.”

Nenhum de nós, à época da minha juventude montemorense, teria ouvido falar de Heraclito e por isso nos banhávamos inúmeras vezes no mesmo Almansor, imunes às acrobacias da dialéctica e abertos a mais altos voos. Um deles encontrei-o eu num fantástico livro de Joseph Conrad, “O Coração das Trevas”, que está na origem de um filme também sublime de Francis Ford Coppola, “Apocalypse Now”, e que junta no mesmo saco a demanda iniciática e a Natureza como ameaça latente e permanente.

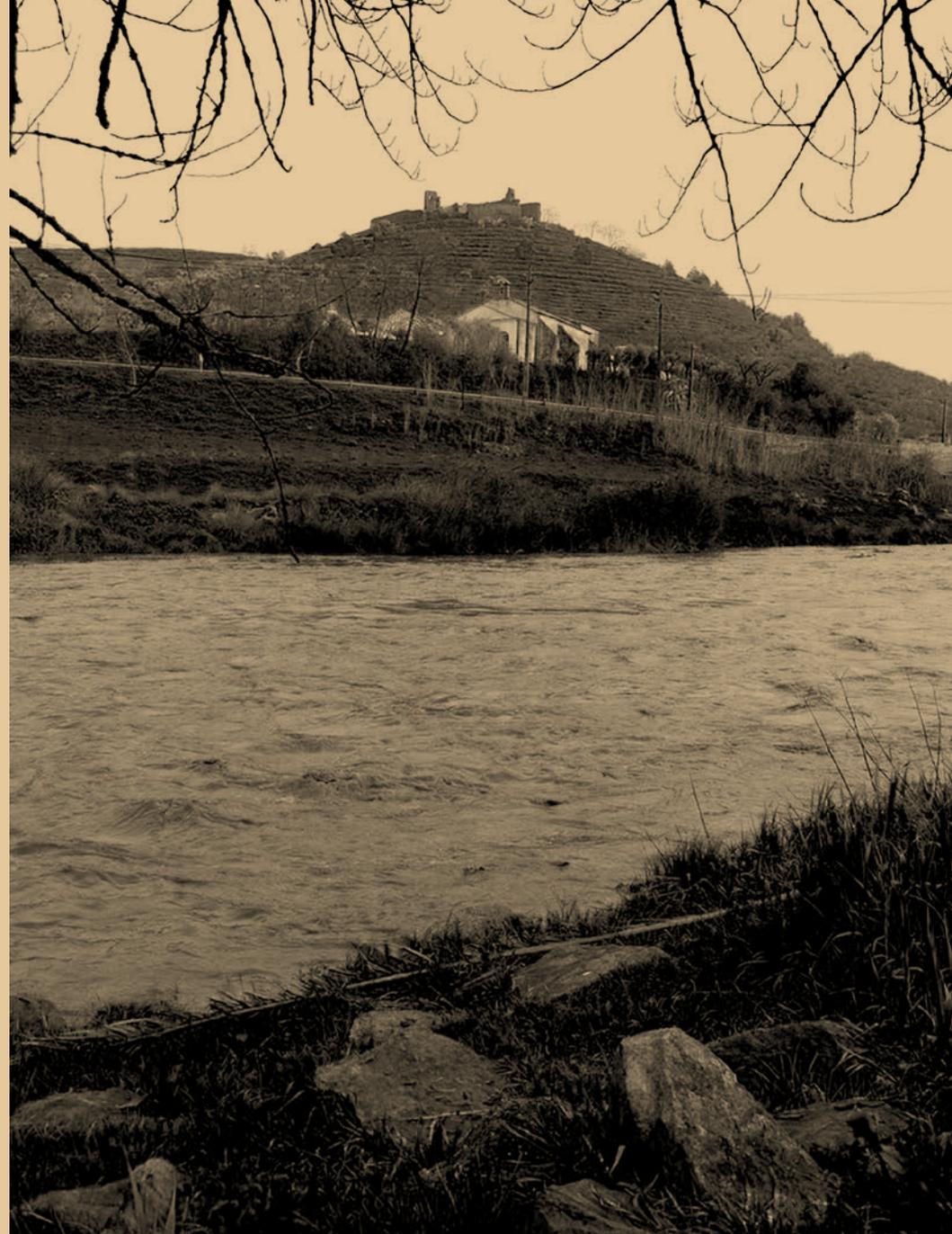
“Subir o rio”, escreve Conrad, “era como viajar para trás, até aos mais recuados princípios do mundo, quando a vegetação transbordava da terra e as árvores imperavam. Todo aquele deserto, um grande silêncio, a floresta impenetrável. O ar quente e espesso, muito pesado e mole. Uma luz solar sem alegria (...) e uma pessoa perdia-se naquele rio como num deserto”. Em 1996 eu ainda não tinha posto os pés em África mas já havia inventado o meu rio africano num romance chamado “Beijinhos” e que então publiquei. É a história de um português que viveu décadas em África e regressa a Portugal à frente de uma mitológica coluna de 10 mil negros. Cito:

“Paragem no rio Niva. As crianças descobrem um menino trevo escondido em palmeira-anã. Pelo rio descem hipopótamos e crocodilos, como soldados de parada. Ao passarem junto de nós abrem a boca e soltam pássaros de muita cor. Pelo rio, andando por cima da água, passam negras, flores na cabeça. A rir. Uma grande esfera de vidro cheia de peixes que saltam para a água, curto delírio de prata. Um quente vento veloz. Um nevoeiro espesso sobe o rio à largura das margens. Rolo rio acima. Engolindo aves e peixes pulam para lá, só que as aves mergulham na água e os peixes atrevem-se no ar.

Monoma fica para lá das cataratas Basa. É a cidade-fantasma do povo Tun. Eram pescadores e as suas casas flutuavam devagar no rio. Eles dançavam no rio. As mulheres entrançavam argila nos cabelos. As crianças deslizavam na corrente em grandes folhas pacientes. Os velhos cantavam para dentro.”

Este rio Niva da minha idade adulta e da minha actividade ficcionista não é, bem vistas as coisas, muito diferente do rio Almansor que contaminou a minha infância e adolescência. Eu diria que é o mesmo rio, água da memória e da criação. Porém, consultando a vetusta “Enciclopédia Luso Brasileira” constato que o Almansor é “um rio do Alentejo e Estremadura. Nasce a sudoeste de Arraiolos, corre com nome de Almansor até Montemor, passando até à sua confluência com o Lavre a chamar-se Canha, e desde ali até à foz, no Tejo, Ribeira de Santo Estêvão. Tem um percurso de cerca de 100 quilómetros e recebe vários pequenos afluentes”. As coisas que um homem ignora, as coisas que eles sabem.

Enfim, e parafraseando o tio Pessoa da praxe, o Almansor é o rio que corre na minha ideia e daqui não sai. Tenha ele 3 nomes e 2 sexos ou seja aquilo que para mim sempre foi e nem todos os Tejos se podem gabar do mesmo.



Era um rio que era até à meia-noite ou uma hora da noite, vinham rapazes porque o rio era realmente um rio. Havia peixe, havia mulheres a lavar no rio hoje, é um rio que está em péssimo estado, não há peixe, não há mulheres a lavarem, não há ninguém a nadar é como você está a ver.

Joaquim Cosme



Ao Tempo que Eles andam ai a bater palmas ai a dizer que há poluição...
Aqui também há poluição
As árvores são do rio e crescem... as árvores não são de fruto mas são a
nossa respiração também.
Havia ali um moinho, do Virtuoso... o Chico Virtuoso, você deve-se
lembrar com certeza, que era o homem que tratava das pessoas quando
estavam doentes, até tenho uma filha que das mulheres é a mais velha
e que se não fosse ele ela tinha morrido.
Ali também havia outro que era o moinho do Ananil... aquilo precisava
de ser arranjado e se pusessem as maquinas a funcionar talvez desse
algum lucro ou algum rendimento, porque aquilo é praticamente um
monumento que ali está. [1]

Sim eu nasci aqui, *daquele lado da ribeira até.. Não vou abrir aquela porta, que aquilo agora... isto o meu avô era virtuoso... Viviam aqui, lá em cima... Vamos aqui a esta parte, que é onde se fazia a farinha. Há aqui uns vizinhos que dormem aqui todas as noites. São os morcegos.*

Ainda há aqui duas mós... e o motor estava aqui. Isto precisa ser tudo limpo. Aqui era onde as mós trabalhavam, está aqui uma. A água conforme vinha fazia girar as mós, agora vem aqui da estação (ETAR), mas dantes não vinha directamente da cidade, era melhor ainda! Porque aquilo está muito tempo parado fica em pasta e quando as máquinas começam a trabalhar é quando deita o cheiro maior. Antigamente era melhor porque estava sempre a correr.

Lá mais prá frente lá pró fundo é que há lá um pego que lhe chamam o Pego do Poço, aí é que eu tomei muito banho...os esgotos não vão pr'áli, saem aqui todos ao lado. Aqui estão estas galinhas que chamam as galinhas de água, aqui é que fazem o ninho, chegam a tirar à volta de 15 ovos... Há aí muita passarada.

Quando havia poucas barragens havia sempre muita água, agora como há muitas barragens a água corre pouco. A água corre pouco e o cheiro aumenta.

Chico do Moinho

O meu nome é Francisco José Covas, aqui sou conhecido por Chico Covas. Chico Covas ou Chico do Moinho.





Leão Mário Jorge





Testemunhos

vários

Eu vim cá uma vez vê-la (a ermida), tinha lá o altar com uma toalha ainda, e tinha lá ainda o santinho, S. Pedro. Agora não tem nada, nem toalha nem nada, aquilo 'tá tudo a cair. O padre amanhã amanhã, mas não se sabe quando.

Eu já aqui 'to há vinte anos, nunca vi santos dentro da igreja, quando eu vim para cá eles já tinham abalado todos.

Aqui era bom o ambiente. Era um bom ambiente de convívio.

Fazíamos festas, fazíamos as fogueiras (agora onde está ali aquele prédio ao lado dos lavadouros). Fazíamos, depois no Outono, as castanhas, também. Juntávamo-nos todos, cada um dava aquilo que podia e fazíamos.

... Aqui os lavadouros, que estavam completamente desabitados. Fui visitar tudo e gostei muito e colaborei quando foi a festa, nas flores e quando precisarem de mim, eu estou cá para os ajudar.(avó) Fizemos flores de papel e fizemos bandeiras em barro, que nunca tinha trabalhado e gostei muito. (neta) Eu fiz uma flor em barro. (avó) E aqui os

Nesta margem do rio encontrei algo muito atraente, *Vitis sylvestris*, símbolo da existência de um centro histórico e genético da videira. Tive ainda oportunidade de compreender que a ponte do rio, perto da minha propriedade, tinha sido uma calçada romana. Tomei conhecimento da história da origem do nome do Rio Almansor, ligado ao posicionamento do poder do Chanceler das Omaíadas Ibn Abi Amir: El Almanzur, tendo colorido as águas do rio de vermelho com as cabeças dos montemorenses que partilhavam outras opiniões. Fui ainda atraído pela postura dos montemorenses que, no início da década de 80 se juntavam nas margens, cantando e sonhando com a nostalgia de um mundo mais justo (para mim esta filosofia ativa dos comunistas era desconhecida, pois a mesma era quase proibida na parte da Alemanha de onde sou oriundo).

Hans Jörg Böhm



vizinhos, quase tudo colaborou. Foi giro, esperamos que para o ano voltem a fazer. E a gente ajuda.

(da festa) Só me saltava as sapatilhas. (não parava de) Brincar.

A ideia que me marca mais é mesmo as festas de S. Pedro, porque todos os anos havia, bailarada, o convívio. Vinha sempre com os meus pais aos bailes e às festas. Eram sempre umas festas onde toda a gente vinha. Cheias de gente. Muitas pessoas, muita alegria, muita animação, que é uma pena se ter perdido. Toda a gente fala nestas festas e realmente têm-se perdido. Este ano acho que nem dei por haver.

(o telheiro) Não era nada. Era só um terreno, depois começaram a construir ali uns tijolos. Eu não me lembro muito bem, era muito pequeno. Mas comecei também a ir para ali. Era engraçado.

Eu cheguei a fazer ali uns tijolos de burro ali no Telheiro e ajudei no projecto da Maja, também ali nos Lavadouros. Foi engraçado, nunca tinha feito aquelas peças em barro. Aquilo costuma ser em papel e a Maja teve a ideia de ser em barro. A vizinha Estrela, a minha mãe também ajudou, os meus irmãos.

As festas de S. Pedro já não existiam há muito tempo. Lembrome. Montavam o palco, montavam o bar, vinham aí os ranchos, era uma festa grande durava mais ou menos três ou quatro dias ou uma semana.

Estou satisfeito, a vizinhança aqui é boa. As minhas filhas e os meus filhos uns estão aqui outros estão além. Toda a gente gosta do meu proceder. Falam comigo: “Então como é que está vizinho? Como é que não está?_Estou bem graças a deus, vamos indo.” Corro daqui para lá, venho cinco, seis vezes à vila, venho para aqui, à noite não saio, tenho dificuldade de visão. Vou me entretendo aqui nisto, que isto é dos meus pais. Faço aqui umas hortinhas, faço aqui umas brincadeiras, umas coisas, uns desenhos, entretenho-me, tiro umas ervas, faço umas coisas para distrair, que já são 86 anos. Já é um bom bocadinho, é verdade.

Gostei muito da Maja, do João. Uma amizade tão grande tão grande que eu não sou capaz de suportar. Boa família, boa gente.

Cantei na festa... Tinha quadras soltas e cantei-as ali. O João tocou a guitarra, a Maja tava ali, tava a Ana. Aquilo correu tudo bem, os directores agradeceram-me: Parabéns Sr. Cosme!

Moro aqui há tantos anos, isto, pronto, é uma ermida, uma coisa que está aqui já de anos. Houve aqui grandes festas com o rancho Fazendeiros de Montemor. Houve aqui dois, três dias de festa, mas tudo dentro da alta noite, tudo iluminado, tudo bom, tudo bom. Grandes ranchos folclóricos vindos de fora, e os nossos, os da terra, que eram os que organizavam isto. O rancho Os Fazendeiros de Montemor, organizavam esta festa aqui em S. Pedro.

Está além o açude que é o Sta. Quitéria, daí é que vem água cá

para baixo. Lavavam aqui em frente à minha casa, punham sete, oito, nove pedras, uma pedra aqui outra aqui outra aqui, era aí dez, doze pessoas a lavar. Porque ainda não havia ali os tanques, e então vinham aqui lavar, estendiam a roupa aí por essas junqueiras, e abalavam daqui com ela já sequinha. Saíam da pedra, vinham apanhar a roupa, dobravam, punham-na ali dobradinha, punham-na à cabeça e iam levá-la a casa. E outras vezes quando havia trovoadas, fugiam aqui para a casa da minha mãe.



Pastéis de Massa Tenra com Bolota

Ingredientes:

bolotas
canela em pau
limão
farinha
banha de porco

Para o recheio: descasca-se a bolota crua e põe-se a cozer até ficar molinha. Passar as bolotas e levar ao lume com um pau de canela e casca de limão. Deixar arrefecer o recheio.

Massa tenra: juntar banha e água quente à farinha e amassar. Deixar repousar tapada com um pano, para a massa faltar um bocado.

Esticar a massa, rechear e fritar.

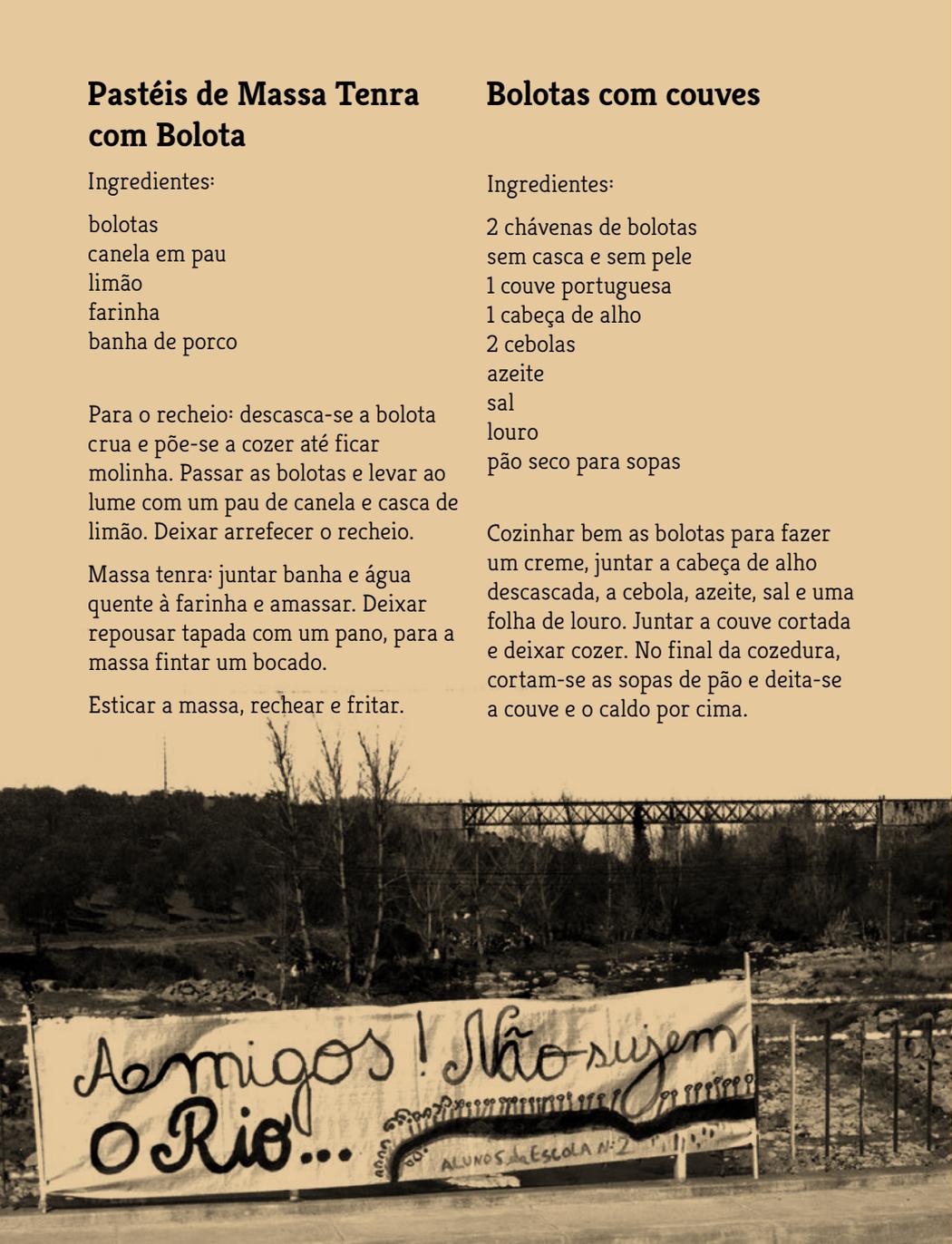
Bolotas com couves

Ingredientes:

2 chávenas de bolotas
sem casca e sem pele
1 couve portuguesa
1 cabeça de alho
2 cebolas
azeite
sal
louro
pão seco para sopas

Cozinhar bem as bolotas para fazer um creme, juntar a cabeça de alho descascada, a cebola, azeite, sal e uma folha de louro. Juntar a couve cortada e deixar cozer. No final da cozedura, cortam-se as sopas de pão e deita-se a couve e o caldo por cima.

Mesa Posta nº6 + Setembro, 2015
1ª edição + 200 ex. ++++
edição e recolha de conteúdos:
Oficinas do Convento ++
ed.gráfica: Miguel Rocha
colaboraram: Tiago Fróis +
Nélia Martins + Virgínia
Fróis + Nídia Fernandes + Marta
Matiolli + Pedro Grenha +++++
Município de Montemor-o-Novo
e Oficinas do Convento
Impressão e acabamento: Oficina
de Impressão - OC e CMMN
+++++
Oficinas do Convento- associação
cultural de arte e comunicação
Carreira de S. Francisco +
Convento de S. Francisco 7050-160
Montemor-o-Novo ++++
oc@oficinasdoconvento.com www
oficinasdoconvento.com ++
++++ viveracidade.
oficinasdoconvento.com +++



Amigos! Não sujem
o Rio...
ALUNOS da ESCOLA Nº 2

Mesa Posta

Nas zonas rurais de Montemor-o-Novo, quando chegava o Carnaval, as pessoas punham a mesa. Em cada casa enchia-se uma com comida e bebida, e durante dias, por vezes a semana inteira, a porta aberta recebia os visitantes. As pessoas andavam de aglomerado em aglomerado, de monte em monte, visitando amigos e familiares, encontrando outras pessoas, sempre em volta da mesa posta, de enchidos, doces, pratos tradicionais, vinhos e licores locais. Os acordeões e as gaitas acompanhavam as danças, as conversas, os reencontros e os caminhos. Era a altura de dar tempo para visitar e descontrair, com o inverno no fim a primavera abria porta. Com as transformações que o mundo rural sofreu, com a perda de população e alterações nas actividades agrícolas, este hábito foi caindo em desuso, e hoje em dia já não se faz. Sendo uma prática em relação à qual há bastantes memórias, e havendo um grande carinho daqueles que viveram as mesas postas, vamos procurar novos significados e contextos para o dar, oferecer a mesa e celebrar.



Iniciativa



estrutura financiada por



em co-produção com



enquadrado na

